

E se Putin seguisse o conselho de Trump?

Nuno Severiano Teixeira | Público | 21/02/2024

Se Putin seguisse o conselho de Trump a Rússia atacava Portugal. Que não cumpre 2% do PIB para a defesa como se comprometeu com a NATO, na cimeira de Gales, em 2014. Num comício de campanha, na Carolina do Sul, Trump chamou delinquentes aos aliados da NATO que, nas suas palavras, não “pagam” os 2%. E voltou a dizer que não defenderá nenhum estado-membro que não pague.

Nada de novo: é a sua tradicional irresponsabilidade. Mas desta vez, uma oitava acima: porque não só reafirma que não defende os aliados, como encoraja o inimigo a atacá-los. Trump tem uma concepção transaccional da vida: tudo é transaccionável, incluindo as Relações Internacionais. Não percebe que nem tudo é redutível a dinheiro e que uma aliança não é um negócio imobiliário. A essência de uma aliança é a confiança entre aliados: na NATO, o artigo V, que estabelece que o ataque a um dos membros é considerado um ataque a todos e todos se comprometem ao auxílio mútuo. E o auxílio mútuo não é pagar ao aliado o valor monetário que gastou com esse auxílio, é dar-lhe a garantia que terá igual auxílio quando for atacado. Ora, reduzir o auxílio a dinheiro, mina a confiança e destrói a essência da aliança. É isso que Trump faz.

Mas faz mais e pior. Porque o auxílio mútuo tem também uma função de dissuasão em relação a potenciais inimigos. E ao encorajar Putin a atacar os aliados, Trump mina também essa função de dissuasão. Desde o princípio da Guerra Fria, a NATO tem sido a garantia da segurança europeia. Primeiro, contra a ameaça soviética, agora contra o imperialismo russo. Ora, um possível regresso de Trump à presidência, ameaça essa garantia e constitui um alto risco para a segurança europeia. A Europa poderia ver-se, sozinha, entre a ameaça russa e o abandono americano. A acontecer, seria o momento mais crítico da segurança europeia desde o fim da Segunda Guerra.

Perante a ameaça russa pós invasão da Ucrânia a defesa colectiva volta ao centro da segurança europeia e para a defesa colectiva a NATO é o instrumento certo. O único com poder militar, capacidade de comando e controle e cultura de dissuasão. E o único que pode associar o Reino Unido à defesa europeia. Mas num ambiente estratégico em que os serviços secretos estónios avisam que a Rússia se prepara para a eventualidade de um confronto directo com a NATO no prazo de dez anos e o espectro do pesadelo Trump paira no ar, convinha que os europeus levassem a coisa a sério. Precisam de garantir a sua autonomia estratégica e assegurar a sua defesa autónoma. Não fora e em rivalidade com a NATO, mas dentro e em complementaridade com a NATO. Isto é, constituindo um verdadeiro

pilar europeu da NATO, capaz de agir de forma autónoma na defesa dos interesses europeus, se e quando os EUA não estiverem interessados.

Isso obrigaria a uma reforma institucional e a dar um assento à UE no Conselho do Atlântico. Mas isso é o mais fácil. Difícil é tudo o resto no plano político e militar: primeiro, mais investimento, provavelmente, acima dos 2%; segundo, mais eficiência e optimização dos recursos ao nível europeu para que se traduza em maior produto operacional; e, em última instância, trazer as compras militares para dentro do mercado único; terceiro, maior capacidade de comando e controlo; e, finalmente, encontrar um consenso para as divergências franco-alemãs sobre a defesa europeia.

Para já, a UE podia e devia reforçar os instrumentos que tem à disposição para as compras militares conjuntas e reorientar os instrumentos para desenvolvimento de capacidades, das simples missões de gestão de crises para a produção de segurança e a defesa coletiva. Portugal assinou, em 2014, a declaração de Gales e comprometeu-se a investir 2% do PIB na sua defesa. Apesar das pressões americanas, do aumento de investimento de outros aliados europeus, dos alertas das chefias militares e das recomendações do Conselho de Revisão do Conceito Estratégico de Defesa Nacional, há dez anos que não cumpre. E no contexto de guerra em que se vive, pasme-se, apenas dois partidos se comprometem, já, com a meta de 2% no seu programa eleitoral: o Chega e PS. A AD assume que “a meta dos 2% não é um fim em si mesmo” e refugia-se na fórmula vaga “aproximando o valor da despesa em % do PIB do compromisso assumido por Portugal no âmbito da NATO”.

Eu bem sei que Putin ainda não ganhou a guerra, que Trump ainda não ganhou as eleições e que, apesar de tudo, a Rússia está longe. Mas, pelo sim pelo não, se eu fosse governo inscrevia já os 2% no próximo orçamento.

<https://www.publico.pt/2024/02/21/opiniao/opiniao/putin-seguisse-conselho-trump-2081018>